

“Um dos dois vai ter que sair”

No dia 10 de agosto, duas semanas antes das festas do Dia do Soldado, Geisel determinara ao ministro Sylvio Frota que lhe submetesse o texto da ordem do dia que leria para a tropa durante a cerimônia. Nada adiantaram os argumentos do general Hugo Abreu tentando convencer o presidente a revogar a ordem, uma “enormidade”. Hugo também não convenceu o ministro de que seria melhor obedecer, pois por trás da solicitação indelicada poderia haver uma manobra para levá-lo a um confronto e, dele, à demissão.¹

Desde o início de julho, Geisel emitira pelo menos um sinal de que pretendia demitir o ministro. Quando Humberto Barreto lançou a candidatura de Figueiredo, a única reprovação que ouviu foi: “Com isso você me dificultou a demissão do Frota”.² É certo que até o dia 18 de agosto Golbery não estava persuadido de que ele o faria. A prova disso é que pediu a Antonio Carlos Magalhães que levantasse o caso durante uma viagem em que acompanharia Geisel à Amazônia. O presidente da Eletrobrás esperou uma oportunidade, foi à cabine do avião e abriu a conversa. Teve uma resposta enfurecida: “Tiro na hora que quiser. Você não me conhece”.³

1 Para o episódio, Hugo Abreu, *O outro lado do poder*, p. 121. Para a data, *Cronologia do Governo Geisel*, de Heitor Ferreira, 10 de agosto de 1977. APGCS/HF.

2 Humberto Barreto, dezembro de 1999.

3 Antonio Carlos Magalhães, janeiro de 2000.

Frota achava que o presidente já não tinha força para tirá-lo. Tanto não a tinha, que não lhe mandara o texto da ordem do dia e nada lhe sucedera. O general estava no palanque do desfile militar do Dia do Soldado, e Geisel comportava-se como se nada tivesse acontecido. Mais: conseguira a demissão de cinco funcionários do governo do estado do Paraná que seus colaboradores classificavam como esquerdistas.⁴ Estavam numa lista que entregara ao SNI identificando 97 subversivos infiltrados na máquina do Estado. Quarenta, no governo federal.⁵ Na fileira das personalidades que seriam agraciadas com a Medalha do Pacificador, colocara o médico Harry Shibata, o legista que atestara a integridade física de Marco Antônio Coelho e o suicídio de Vladimir Herzog, Manoel Fiel Filho e de pelo menos oito pessoas assassinadas no DOI de São Paulo.

Geisel achava que tirava. Tanto tirava que três dias antes o ministro obedecera à sua ordem e lhe mandara o texto que pedira. Viera com um cartão de Hugo Abreu informando: "O general Frota enviou-me, agora, a Ordem do Dia para 25 de agosto. Apressei-me em remetê-la porque sei que o senhor deseja vê-la".⁶ (Salvo um erro de datilografia percebido por Geisel, a ordem do dia nada tivera de anormal.)

Um achava que o outro havia cedido quando, na realidade, ambos haviam sido enganados. Eram dramáticos personagens de uma comédia. O texto fora contrabandeado pelo chefe-de-gabinete de Frota e remetido a Hugo Abreu. O general mentira a Geisel. A essa altura, de acordo com uma lista de incidentes que Heitor Ferreira e Figueiredo viriam a enumerar, o presidente da República e o ministro do Exército estavam no 17º choque. Nos dois maiores (a demissão dos generais Ednardo do II Exército e Confúcio do CIE), Geisel prevalecera. Em nenhum deles Frota se impusera publicamente.⁷

4 *Jornal do Brasil*, 26 de novembro de 1977, p. 8.

5 Para a lista, *O Estado de S. Paulo* de 24 de novembro de 1977, pp. 22-3.

6 Xerox de um cartão manuscrito de Hugo Abreu a Geisel, de 22 de agosto de 1977, anotado por Heitor Ferreira. APGCS/HF.

7 Uma folha de Heitor Ferreira, visada por Geisel, e um bilhete de Figueiredo, sem data, posteriores a 12 de outubro de 1977. Heitor intitulou-o *A Causa ou A Guerra das Oportunidades Perdidas*. APGCS/HF.

Jantando em Salvador com o governador Roberto Santos, Frota ocupara o tempo com reminiscências de passagens pela Bahia e com opiniões a respeito do candomblé, sem deixar que o dono da casa levasse a conversa para a sucessão.⁸ Movia-se dentro da burocracia militar. Fora ao Rio Grande do Sul para empossar o general Fernando Belfort Bethlem no comando do III Exército e demorara-se quatro dias, recebendo homenagens e visitando quartéis. Durante as idas semanais ao Rio de Janeiro, passara a freqüentar a tropa. Inaugurara o Centro de Processamento de Dados e a nova sede (inacabada) do Clube do Exército em Brasília. Tivera 58 dos 147 generais da ativa a cantar-lhe parabéns pelo seu 67º aniversário.⁹

Pode-se comprovar que, até o início de setembro, Frota estava em campanha contra Figueiredo, a abertura e o perigo comunista mas não soltou palavra ou insinuação pública que o colocasse como um candidato ostensivo à Presidência. É certo que a destruição da candidatura do chefe do SNI, uma inflexão política e uma caça aos subversivos levariam ao inevitável emparedamento de Geisel e, por gravidade, poderiam conduzi-lo ao Planalto. O limite de sua militância contra Figueiredo foi mostrado mais tarde por Roberto Médici, filho do ex-presidente:

— General, o senhor tem coragem de assumir um movimento contra Geisel, na sua determinação de fazer Figueiredo seu sucessor?

Respondeu-me:

— Não, Roberto, tenho coragem de, na conversa que provocarei envolvendo o nome de Figueiredo no tema sucessão, se desacatado, dar-lhe uma bofetada. Até um tiro. Mas conspirar contra ele, minha formação militar me impede.¹⁰

8 Depoimento do general Adyr Fiúza de Castro, comandante da 6ª RM, presente ao jantar, em *A volta aos quartéis*, organizado por Maria Celina d'Araújo, Gláucio Ary Dillon Soares e Celso Castro, p. 195.

9 Para os generais, Walder de Góes, "Crise na cidade desarmada", em *Jornal do Brasil* de 13 de novembro de 1977, Caderno Especial, p. 3.

10 Roberto Nogueira Médici, *Médici — O depoimento*, p. 63.

Segundo o general Adyr Fiúza de Castro, amigo de Frota e fundador do CIE, o ministro esteve com Geisel e disse-lhe que achava inconveniente a escolha de Figueiredo. “De modo algum isso passa pela minha cabeça. Você pode se tranquilizar. Eu só vou cogitar da sucessão em 1978”, teria respondido o presidente.¹¹ Geisel dissera a mesma coisa a Hugo Abreu.

No Planalto, as notícias eram inquietantes. Um documento de nove folhas informava que Medici se afastara do chefe do SNI, passando a uma posição de neutralidade, e alertava para o risco de se romper a “unidade da Revolução”. Dizia ainda que “o general Frota identifica-se cada vez mais com as aspirações da tropa”, e o chefe do SNI com uma “abertura impossível”. O documento trazia um aviso: os partidários do ministro do Exército anteviam “uma crise militar que imporá a necessidade de um endurecimento em face das possibilidades de um retorno a uma situação idêntica à de 1968”.¹² O SNI, mantendo-se no hábito de atribuir suas opiniões aos outros, encaminhava o que seria a análise de diversos jornalistas:

Revelando certo conhecimento da situação predominante no Alto-Comando do Exército, consideram que em seu seio há divergências de opinião, com altos chefes que apoiarão quem for indicado pelo Sr. Presidente da República, outros simpáticos à pessoa do Ministro do Exército e outros ainda francamente contrários ao Ministro do Exército como candidato presidencial.

[...] Há comentários generalizados de que o noticiário feito pela imprensa, atingindo a oficialidade e mesmo aos sargentos, poderá levar a um divisionismo das Forças Armadas, em particular no seio do Exército.¹³

11 Depoimento do general Adyr Fiúza de Castro, em *A volta aos quartéis*, organizado por Maria Celina d'Araujo, Gláucio Ary Dillon Soares e Celso Castro, p. 193.

12 Nove folhas, do segundo semestre de 1977, sem assinatura. Para Heitor Ferreira, o autor desse documento pode ter sido o ex-ministro Costa Cavalcanti, que na época presidia a binacional Itaipu. APGCS/HF.

13 *Apreciação Especial nº 04/15/AC/77*, rubricada pelo general Sebastião Ramos de Castro e marcada “secreto”, de 22 de julho de 1977. APGCS/HF.

Circulava no Congresso o texto de um *Relatório Especial de Informações* assinado pelo comandante do III Exército, general Fernando Bethlem.¹⁴ Concluía que a abertura política era coisa inviável. Denunciava a existência de uma conspiração de banidos, intelectuais, jornalistas, padres e empresários que pediam a “volta ao Estado de Direito” e a “redemocratização do país” com o objetivo de devolvê-lo “aos idos de 61-62 e 63, onde predominaram os desmandos administrativos, a corrupção moral, a inversão de valores, a quebra da disciplina, a desmoralização da autoridade, a demagogia, o ‘peleguismo’, o avanço dos comunistas e dos corruptos”. Ao governo, “delegado da Revolução Democrática”, caberia cuidar de que isso não acontecesse.¹⁵ Má notícia. Não só porque alinhava o comandante da mais poderosa unidade militar do país com a retórica froquista, mas porque Geisel sempre respeitara Bethlem. Em 1974, quando teve de substituir às pressas o general Dilermando Gomes Monteiro, que fraturara uma perna andando de bicicleta, cogitara colocá-lo no Gabinete Militar. No início de 1976, Hugo Abreu chegara a incluí-lo numa lista das prováveis alternativas para ministro do Exército.¹⁶

Heitor Ferreira registrara: “Petrônio meio em pânico com Frota no Congresso”.¹⁷ A ansiedade do senador refletia a movimentação da base parlamentar do ministro. Numa bancada de 204 cadeiras, os froquistas acreditavam contar com noventa deputados. Deles, quarenta seriam votos certos e cinquenta, simpatizantes.¹⁸ A candidatura do general fora lançada na Câmara por Siqueira Campos, um parlamentar subalterno, quase pitoresco por sua obsessão de criar o estado de Tocantins. Outro deputado reforçara o gesto. Avisava que, em outubro, Frota viajaria pelo país, aceitando homenagens de diversas câmaras de vereadores.

14 Para o fato de esse relatório estar circulando no Congresso em outubro, Hugo Abreu, *O outro lado do poder*, pp. 134-5.

15 *Relatório Especial de Informações — Confidencial nº 01/77 — E2*, intitulado *Apreciação da Área Política Nacional*, de 5 de setembro de 1977. APGCS/HF.

16 *Informação para o Sr. Presidente*, de Hugo Abreu, intitulada *Problemas do Exército*, carimbada “secreto”, sem data, do início de 1976. APGCS/HF.

17 *Cronologia do Governo Geisel*, de Heitor Ferreira, 23 de setembro de 1977. APGCS/HF.

18 Uma folha, marcada “confidencial”, do general Sebastião Ramos de Castro a Figueiredo, de 12 de dezembro de 1977, narrando uma conversa com o deputado froquista Francisco Rollemberg. APGCS/HF.

Na segunda metade de setembro, aparecera nas articulações do frotismo um eterno personagem das conspirações militares. Era o general Jayme Portella de Mello. Paraibano miúdo e audacioso, tinha 66 anos, conspirava desde 1950, mas estava na reserva desde 73. Fora do esplendor ao oca-so entre agosto e setembro de 1969, como chefe do Gabinete Militar da Presidência, nos dias seguintes à isquemia cerebral de Costa e Silva. Parira e embalara uma junta militar, e vira-se fulminado pela ascensão de Orlando Geisel ao Ministério do Exército. Humilhado pelo oferecimento de uma função equivalente à de chefe da mordomia do marechal entevado, caíra para um comando de segunda (a 10ª Região Militar, com sede em Fortaleza) e acabara no “canil” da 3ª Subchefia do Departamento Geral de Serviços. Ernesto Geisel conhecia-o desde os anos 30, quando fora seu comandado na Paraíba. Detestavam-se desde os 50. Em 1964, o general pusera-o para fora do Conselho de Segurança Nacional. Era uma velha e profunda inimizade, que ressurgia num cenário assombroso. Tudo aquilo que o ex-chefe do Gabinete Militar do marechal Castello Branco não queria que lhe sucedesse (ser enquadrado pelo ministro do Exército) parecia estar acontecendo. Com o general Portella no elenco adversário, revivia um pesadelo. Em dezembro de 1965 a candidatura de Costa e Silva fora lançada por um inexpressivo deputado goiano (Anísio Rocha), levado por Jayme Portella ao gabinete do marechal. Em setembro de 1977, outro inexpressivo deputado goiano (Siqueira Campos) lançara a de Frota.

O general Portella procurara o repórter Tarcísio Holanda, do *Jornal do Brasil*, seu antigo conhecido, proporcionando-lhe a oportunidade de entrevistar o marechal Odylio Denys (ministro da Guerra de Jânio Quadros) e os dois sobreviventes do comando revolucionário de 1964. Eram o almirante Augusto Rademaker e o brigadeiro Francisco Correia de Mello. Fósforos riscados, úteis apenas para armar a profonia de uma sucessão de pronunciamentos de ex-dignitários do regime. Jayme Portella pretendia replicar a manobra de janeiro de 1966, quando Costa e Silva firmara sua posição de candidato almoçando publicamente, no Museu de Arte Moderna, com os marechais Mascarenhas de Moraes (ex-comandante da FEB) e o mesmo Odylio Denys.

O general e o jornalista encontraram-se num apartamento da Superquadra Sul 107, em Brasília. A presença de parlamentares dava apa-

rência de comitê eleitoral ao lugar. Alguns telefones de campanha, ar de aparelho. Chamavam-no “A Empresa”. Enquanto aguardava, Tarcísio viu que Portella estivera reunido com uma comitiva parlamentar. Nela havia notórios frotistas, mas também figuras de maior peso, como dois vice-líderes da Arena (Marcelo Linhares e Cantídio Sampaio) e o senador Jarbas Passarinho, ex-ministro de Costa e Silva e Medici.¹⁹

Um deputado governista sugerira a Ulysses Guimarães que visitasse Portella, para “ouvir as ofertas que o grupo do general Frota queria fazer à oposição”. O presidente do MDB disse que ia pensar e foi cuidar da sua vida.²⁰ Num espetáculo de inédita maturidade política, nenhum opositorista, com ou sem mandato parlamentar, metera-se na encrência. Ao contrário do que sucedera desde a proclamação da República, não havia vivandeiras da oposição nos bivaques da crise. A extravagância a que chegara o poder militar era assunto exclusivo dos granadeiros que a sustentavam.

O general Portella disse a Tarcísio Holanda que Geisel e Golbery estavam destruindo a Revolução e se fazia necessária uma resposta. Por isso, sugeria-lhe que entrevistasse o almirante e o brigadeiro. Queria sigilo. Com mais de vinte anos de experiência e uma doce nostalgia esquerdista, Tarcísio telefonou para o marechal Cordeiro de Farias, seu velho amigo. No dia seguinte tomaram café juntos. Com mais de meio século de conspirações na biografia, sobrevivente da Coluna Prestes e profeta do deslizamento de Costa e Silva para a ditadura, Cordeiro anotou pontos da conversa, sobretudo nomes. Foi ao Planalto e contou tudo a Golbery.²¹ Estava-se nos primeiros dias de outubro.

Brasília passava por um novo surto de panfletagem. Os *Voluntários da Pátria*, mudos desde julho de 1975, fizeram três disparos. No primeiro, informaram que “o propósito da camarilha Geisel-Golbery, é acabar com a Revolução”. No segundo, denunciavam: “A escolha palaciana geisel-golberiana representa uma clara subversão dos métodos de escolha revolucio-

19 *Sete Dias da Semana*, 30 de outubro de 1996.

20 Luiz Gutemberg, *Moisés, codinome Ulysses Guimarães*, p. 160.

21 Tarcísio Holanda, em *Sete Dias da Semana*, de Brasília, 30 de outubro de 1996. Tarcísio Holanda, janeiro de 2004.

nária. Os militares que arriscam suas vidas pelo bem do país serão postos de lado para que o trabalho dos corruptos não seja prejudicado”.

No terceiro alvejavam Figueiredo: “Repudiamos a compra de estrelas com a cobertura da corrupção. As promoções militares têm de continuar sendo o resultado dos méritos acumulados na vida de caserna e no serviço desinteressado ao país e não o instrumento para a satisfação de ambições pessoais”.²²

É desses dias um informe guardado por Heitor Ferreira:

Questão sucessória

Notícias de três áreas diferentes — Brasília, Rio de Janeiro e Fortaleza/CE.

Fonte: oficiais-generais

— Aumentam, em rápida progressão, os indícios de que o Exército está se dividindo por causa do debate sobre a sucessão.

— O general Figueiredo é apontado, por aqueles que não vêem nele uma boa solução, como um risco de favorecimento do retorno das esquerdas. (Haja vista a infiltração nos órgãos públicos.)

— O ministro do Exército é visto, por adeptos de sua candidatura, como o melhor remédio contra essa ameaça. Ele próprio vai se convencendo disso.

— O general Frota tem ainda a seu favor a tese da hierarquia.

— Preservação da hierarquia, em hora de crise, e combate às esquerdas, em qualquer situação, são duas teses que sensibilizam positivamente a grande maioria do Exército. Poderão influenciar preferências por uma candidatura que as assegure, e com elas a união dentro do Exército, mesmo que o candidato não exiba as melhores qualificações para a presidência da República. [...]

— O general Jayme Portella de Mello é um importante articulador da candidatura Frota, com atuação já registrada entre parlamentares, no Rio de Janeiro e em Brasília.²³

22 Três panfletos. Um deles, com o envelope, postado em 3 de outubro de 1977, endereçado a Lurdes Pena Maciel, secretária de Golbery. APGCS/HF.

23 Uma folha, sem data nem assinatura, possivelmente do SNI. APGCS/HF.

Anotando um informe que recebera de São Paulo, no qual se dizia que “o ministro do Exército está sensibilizando a área militar”, Figueiredo escrevera: “Parte”. À afirmação de que “o Chefe do SNI só conta com o apoio efetivo do presidente”, respondera: “Também não é tanto assim”.²⁴

No dia 4 de outubro, quando os jornais noticiavam o encontro de Petrônio Portella com Raymundo Faoro, Frota deu um passo inexplicado. Era uma terça-feira, dia de despacho rotineiro com o presidente, e o ministro não apareceu. Pior: sua assessoria informou que ele não comparecera ao despacho porque “não tinha nenhum assunto a tratar com o presidente”. “Como é possível que com esse embrulho todo ele não tenha o que tratar comigo?”, perguntou Geisel a Hugo Abreu.²⁵

À noite, o presidente recebeu no Alvorada seu amigo Délio Jardim de Mattos. O brigadeiro não comandava mais nada. Estava no Superior Tribunal Militar. Calmo e irreverente, passava pelas crises como se elas fossem coquetéis. Na véspera, dissera a Golbery que Frota lhe tirara o sono. No palácio, foi direto: “Substitua o ministro enquanto é tempo”.²⁶ No dia seguinte, Délio assegurou a Heitor Ferreira: “Geisel tira o Frota até dia 15”.²⁷ Quarenta e oito horas depois, Geisel reuniu-se com o general Reynaldo Mello de Almeida. Ele também estava no STM. Um ano antes, como comandante do I Exército, dissuadira o presidente da idéia de demitir o ministro. Temera uma crise militar capaz de derrubar o governo. Agora, não via alternativa.²⁸ Depois dessa conversa, Geisel não conseguiu dormir.²⁹

“As coisas se aceleram”, avisou Golbery a Heitor Ferreira.³⁰

24 Duas folhas, sem autor, de 5 de outubro de 1977, anotadas por Figueiredo. APGCS/HF.

25 *Veja*, 14 de março de 1979, p. 51.

26 *O Estado de S. Paulo*, 6 de novembro de 1977, p. 5.

27 *Cronologia do Governo Geisel*, de Heitor Ferreira, 5 de outubro de 1977. APGCS/HF.

28 General Reynaldo Mello de Almeida, agosto de 1998.

29 Hugo Abreu, *O outro lado do poder*, p. 128.

30 *Cronologia do Governo Geisel*, de Heitor Ferreira, 6 de outubro de 1977. APGCS/HF.

As coisas se aceleravam também na “Empresa”. Depois de passar pelo gabinete de Frota, o deputado Marcelo Linhares divulgara uma nota acusando o partido governista de marginalizar o Alto-Comando do Exército na sucessão presidencial.³¹ Em seguida, discursou outro deputado, dessa vez pedindo a Geisel que considerasse o nome do ministro do Exército quando fosse escolher seu substituto. Era o quinto a subir à tribuna para dizer a mesma coisa.³² A essa altura, o general Hugo Abreu sabia (mas não contara ao presidente) que Frota expusera a dois interlocutores, um no Rio e outro em Brasília, a tese de que o Exército não aceitaria nem ficar à margem dos acontecimentos, nem que a hierarquia fosse ultrapassada.³³ O Exército, acreditava Frota, era ele.

Geisel reuniu-se no Alvorada com Golbery na sexta-feira, dia 7.³⁴ Tudo indica que discutiram a demissão do ministro. À noite, durante um jantar, Golbery revelou um segredo a Humberto Barreto: “Fique quieto. Até quarta-feira o assunto estará liquidado”.³⁵ De novo, Geisel não dormiu.³⁶

O dia seguinte foi um sábado ensolarado. Hugo Abreu preparava-se para jogar uma partida de futebol de salão, quando foi chamado ao Alvorada. Geisel recebeu-o na biblioteca: estava resolvido a demitir Frota. Era coisa para logo, mas não lhe disse quando, assim como não disse quem poria no lugar.

Dessa conversa há duas narrativas.

Hugo Abreu sustentou que “lembrei ao Presidente a delicadeza da decisão a ser tomada, a possibilidade de estar-se baseando em dados não corretos e fabricados pela paixão dos acontecimentos”, pedindo-lhe “tempo para analisar o problema em profundidade”.³⁷

31 Walder de Góes, em *Jornal do Brasil* de 13 de novembro de 1977, Caderno Especial *Antes e depois da queda de Frota*, p. 1.

32 *Jornal do Brasil*, 8 de outubro de 1977, p. 3.

33 Hugo Abreu, *O outro lado do poder*, p. 127.

34 *Cronologia do Governo Geisel*, de Heitor Ferreira, 7 e 8 de outubro de 1977. APGCS/HF.

35 Humberto Barreto, abril de 2000.

36 Hugo Abreu, *O outro lado do poder*, p. 128.

37 Idem.

Geisel contou-a assim: “Eu lhe disse ‘Vou tirar o Frota’. Ele ainda ponderou: ‘Não faça isso...’ Respondi: ‘Já está resolvido, não adianta você falar porque eu vou tirar’”.³⁸

Hugo sabia-se derrotado. Nos últimos meses fizera o possível para preservar o ministro. Não era partidário de sua candidatura, mas via nele um obstáculo à de Figueiredo. Marcaram uma nova conversa para a segunda-feira, quando viajariam juntos para o Rio. Hugo Abreu acreditou que lhe caberia a responsabilidade da montagem do esquema militar que ampararia a providência.

À noite, Brasília tinha uma grande celebração. Era o casamento de Tatiana, filha de Lilian e Humberto Barreto. A presença do general Moraes Rego, comandante da guarnição de Campinas, passara despercebida. Amigo dos pais da noiva, nada mais natural que estivesse ali. Na verdade, viera porque sua mulher lhe contara que Lucy Geisel insistira muito no convite. “Eu disse: ‘Isso é fumaça de cacique’. Pedi licença com desconto nas férias, paguei a passagem do meu bolso e fomos.”³⁹ No domingo, o general e o presidente caminhavam em volta da piscina do Riacho Fundo. Geisel revelou-lhe aquilo que talvez só Golbery soubesse: “Vou tirar o Frota quarta-feira, dia 12, feriado. Você vai voltar a São Paulo amanhã para avisar ao Dilermando. Vai dizer-lhe também que ele não será o novo ministro. Vai ser o Bethlem”.⁴⁰ Estavam protegidos o bispo e a torre do rei: o III Exército, com a escolha de Bethlem, e o II, com o alerta a Dilermando.

Na segunda-feira, o presidente viajou para o Rio. Só então contou a Hugo Abreu a data da demissão de Frota e o nome do novo ministro. Na pérgola das autoridades da Base Aérea do Galeão, levou para uma sala o general José Pinto de Araujo Rabello, comandante do I Exército. Tinham servido juntos nos anos 30, um como capitão e o outro como tenente. Geisel fizera questão de promovê-lo à quarta estrela, e o chefe do Gabinete

38 *Ernesto Geisel*, organizado por Maria Celina d’Araujo e Celso Castro, p. 406.

39 General Gustavo Moraes Rego, dezembro de 1993.

40 Depoimento do general Moraes Rego, em *A volta aos quartéis*, organizado por Maria Celina d’Araujo, Gláucio Ary Dillon Soares e Celso Castro, p. 67.

Militar registrara: "Pode-se contar com sua lealdade".⁴¹ Numa ditadura que transformava o generalato em ribalta, o tímido José Pinto fora um dos primeiros oficiais a chegar à quarta estrela sem que nada se soubesse de sua vida ou de suas idéias.

— Vou tirar o Frota agora, dia 12, de modo que você se prepare — disse-lhe o presidente.

— Já vai tarde, já deveria ter tirado há muito tempo. Não há problema. Isso aqui está garantido, é área minha — respondeu o general.⁴²

Defendera a rainha.

Enquanto Geisel estava no Rio, o SNI registrara a presença de três senadores e um deputado no gabinete de Frota. Um deles, Francisco Rollemberg, fora chamado pelo ministro logo depois de concluir um discurso na Câmara. O Serviço narrou o que sucedera no gabinete: "Lá [Rollemberg] encontrou Paulo Salim Maluf. Conversaram duas horas... Ambiente muito tranqüilo. Disse [Frota] que não era candidato, mas esperava que o sr. presidente o indicasse em janeiro de 1978. Disse, ainda, que se for presidente governará com políticos e não com partidos. [...] A 'Empresa' continua".⁴³

No início da tarde de terça-feira, o general Hugo Abreu mostrou a Geisel seu plano de ação. Frota seria chamado às nove da manhã seguinte. Exatamente àquela hora, um general levaria a notícia a José Pinto (que já a sabia). Um coronel do Gabinete Militar falaria pessoalmente com Dilermando (que também sabia). Um terceiro iria a Bethlem, cuidando de manter um jatinho HS no Galeão, pronto para levá-lo a Brasília. Bethlem estava de férias no Rio. Outros dois coronéis iriam aos coman-

41 Conjunto de cinco folhas, duas grampeadas e três soltas, com dados para a promoção de dois generais à quarta estrela em 31 de julho de 1976, enviadas por Hugo Abreu a Geisel e carimbadas "confidencial". APGCS/HF.

42 *Ernesto Geisel*, organizado por Maria Celina d'Araujo e Celso Castro, p. 406. Ernesto Geisel, outubro de 1985.

43 Uma folha do coronel Hélio Bernd, do SNI, a Heitor Ferreira, de 11 de outubro de 1977. APGCS/HF.

dantes do IV Exército e da Amazônia. Por via das dúvidas, Kurt Pessek, o assistente-secretário de Hugo, deveria notificar o comandante da Brigada Para-Quedista, na Vila Militar. Se fosse o caso, a Brigada poderia ser deslocada para qualquer ponto do país.⁴⁴ Geisel não lhe contou que montara um dispositivo paralelo.

O senador José Sarney almoçava no centro do Rio com dois jornalistas. Estava tenso e contido. "É. Um dos dois vai ter que sair."⁴⁵

Golbery avisara ao pessoal de serviço na Imprensa Nacional que no dia seguinte, mesmo sendo feriado, rodariam uma edição do *Diário Oficial*.⁴⁶ Hugo Abreu chamara ao palácio o comandante militar do Planalto, general Heitor Furtado Arnizaut de Mattos. Comunicara-lhe que o ministro seria demitido na manhã seguinte e pedira a ele que alertasse o comandante da 3ª Brigada de Infantaria Motorizada, uma das principais unidades do Distrito Federal. Era o general França Domingues. Casado com a filha de Orlando Geisel. Ele também já sabia, pois fora instruído pelo presidente. França convocou uma reunião com seus oficiais para as oito da manhã.⁴⁷ Era a defesa do rei.

Frota fechou o expediente e foi para casa. Levou no carro o amigo Armando Daudt d'Oliveira, que o visitava em Brasília.⁴⁸ À noite, foi ao cinema. Uma festa de black-tie, na sala restaurada do Cine Brasília, onde se comemorava a abertura da semana do cinema americano. Frota viu *007, o espião que me amava*.⁴⁹

44 Hugo Abreu, *O outro lado do poder*, pp. 132-3.

45 José Sarney, outubro de 1977.

46 Walder de Góes, em *Jornal do Brasil* de 13 de novembro de 1977, Caderno Especial *Antes e depois da queda de Frota*, p. 2.

47 Hugo Abreu, *O outro lado do poder*, p. 134. Ver também o depoimento de Geisel e do general Roberto França Domingues em Ronaldo Costa Couto, *História indiscreta da ditadura e da abertura*, pp. 225 e 229. Para a hora da reunião convocada pelo general, Armando Falcão, *Geisel*, p. 243.

48 Armando Daudt d'Oliveira, maio de 1988.

49 Para o filme, *Correio Braziliense*, 11 de outubro de 1977, 2º caderno, p. 7. Para sua presença, José Maria de Toledo Camargo, *A espada virgem — Os passos de um soldado*, p. 221.

Um saiu

Em Brasília o dia 12 de outubro de 1977 era feriado em louvor a Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil. Exceto a consagração dos quatro sinos do campanário da catedral, distante um quilômetro do palácio do Planalto, nada se esperava que sucedesse naquela quarta-feira. Era Dia da Criança. O Eixão, a grande avenida que corta a capital, estava fechado ao trânsito para que a meninada pudesse brincar. Às 8h30, logo depois de chegar ao palácio, Geisel mandou comunicar ao ministro do Exército, Sylvio Frota, que desejava vê-lo ainda naquela manhã.¹

Os dois sentaram-se à mesa de reuniões do salão de despachos do presidente.

— Frota, nós não estamos mais nos entendendo. A sua administração no ministério não está seguindo o que combinamos. Além disso você é candidato a presidente e está em campanha. Eu não acho isso certo. Por isso preciso que você peça demissão.

— Eu não peço demissão — respondeu Frota.

¹ A demissão do general Frota está contada na Introdução d'*A ditadura envergonhada*, da qual se extraíram trechos para este capítulo.

— Bem, então vou demiti-lo. O cargo de ministro é meu, e não depositei mais em você a confiança necessária para mantê-lo. Se você não vai pedir demissão, vou exonerá-lo.²

Em menos de cinco minutos a audiência estava encerrada. O general levantou-se, ficou em posição de sentido por um instante e saiu sem cumprimentar o presidente.

Frota batalhou. Foi para seu gabinete, no quartel-general. De lá, convocou uma reunião do Alto-Comando. Chamou os três comandantes de exércitos que estavam em seus comandos e, também, três generais de quatro estrelas que aproveitavam em outras cidades o feriado de Brasília. O chefe do Estado-Maior, Fritz Manso, estava no Piauí. Os comandantes de três dos quatro exércitos viriam em vôos comerciais e chegariam no meio da tarde.³ O oficial de permanência do Centro de Informações do Exército telefonou para o chefe da sua seção de operações, tenente-coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, convocando-o ao *Forte Apache*.

Treze anos antes, na tarde de 31 de março de 1964, o capitão Ustra recebera a missão de sair da Vila Militar do Rio de Janeiro com uma bateria do 8º Grupo de Canhões Automáticos de 90 mm, na direção das montanhas mineiras, onde estavam as tropas rebeldes do general Olympio Mourão Filho. Deveria lutar pelo mandato de João Goulart. Não tinha disposição de fazê-lo, nem foi preciso. Jango caiu na tarde de 1º de abril. Entre outubro de 1969 e dezembro de 73 Ustra comandara o DOI do II Exército, em São Paulo. Nesse período, aproximadamente 2 mil pessoas passaram pelo pior cárcere da ditadura.⁴ Delas, 502 denunciaram tortu-

2 Ernesto Geisel, 1982 e julho de 1992. Há duas versões semelhantes para esse diálogo. Uma, de Geisel, em seu depoimento a Maria Celina D'Araujo e Celso Castro (orgs.), em *Ernesto Geisel*, p. 406. A versão de Frota está em sua *Nota para a Imprensa*, de 12 de outubro de 1977. Ela se encontra resumida em Walder de Góes, *O Brasil do general Geisel*, pp. 86-7.

3 Argus Lima, do IV Exército, estava em Brasília. Frota não sabia que havia um jato à disposição de Bethlem.

4 A monografia *O Destacamento de Operações e Informações*, preparada pelo coronel Fredie Perdigão Pereira na Escola de Comando e Estado-Maior, informa que, de 1969 a maio de 77, 2541 presos passaram pelo DOI paulista. Os mortos foram 51. *O Globo*, 9 de janeiro de 2000, p. 13.

ras e pelo menos quarenta foram assassinadas.⁵ Desde dezembro de 1974, o tenente-coronel Ustra chefiava a seção de operações do CIE, onde serviam dez oficiais e por volta de cinquenta sargentos e cabos. Nos últimos tempos tivera poucos guerrilheiros para perseguir. Fazia inimigos enfrentando alguns oficiais que descobriam guerrilhas na Amazônia ou no Rio Grande do Sul, com o propósito de abandonar a rotina de Brasília e embolsar diárias de viagem.⁶

O *Major Tibiriçá* do DOI recebeu do chefe do CIE, general Antonio da Silva Campos, a missão de ir ao aeroporto de Brasília garantir a segurança dos quatro-estrelas que voavam para a capital.⁷ Ele sabia que Frota e Geisel estavam desentendidos, mas, conforme recordaria onze anos depois, não lhe disseram que o ministro fora exonerado: “Eu achava que o Alto-Comando ia decidir”. Pelo que lhe contaram no CIE, a tropa da Polícia do Exército já tomara o aeroporto. A equipe do tenente-coronel somava doze homens. Um deles era o major Sebastião Rodrigues de Moura, o *Curió* do Araguaia. Ustra tornara-se exemplo de oficial do Exército que exterminara a esquerda armada nas cidades. *Curió* simbolizava a tropa que, em menos de dois anos, matara cerca de sessenta guerrilheiros do PC do B nas matas do sul do Pará. À frieza de um correspondia a teatralidade do outro. Enquanto Ustra se recolhera à rotina do Centro, *Curió* começava a despontar como o senhor das terras e das águas do Araguaia, onde distribuía prebendas, lotes e ameaças.

A tropa do CIE deveria esperar os generais na pista. Informariam que estavam ali para levá-los à reunião do Alto-Comando, no *Forte Apache*. Ustra surpreendeu-se ao verificar que a Polícia do Exército não tomara o aeroporto. Da tropa prometida, apareceram só alguns soldados. Dispensou-os: “Para que meter soldadinhos naquilo?”. O saguão tinha a placidez dos feriados brasileiros, salvo pela presença de agentes do SNI e de quadros da Escola Nacional de Informações (onde o tenente-coronel servira como instrutor) fotografando e filmando a delegação do CIE. Era o dispositivo de Hugo Abreu. Começara a batalha do aeroporto.

5 *Projeto Brasil: nunca mais*, tomo V, vol. 1: *A tortura*, p. 93.

6 Carlos Alberto Brilhante Ustra, setembro de 1988.

7 Carlos Alberto Brilhante Ustra, *Rompendo o silêncio*, pp. 250-3.

O primeiro general a chegar a Brasília foi o comandante do II Exército, Dilermando Gomes Monteiro. Ustra acercou-se dele e informou-o de que estava lá para facilitar sua ida ao *Forte Apache*, onde Frota o esperava. Caminhavam, quando veio um major do Gabinete Militar. Dilermando afastou-se para conversar com ele. Na volta, avisou:

— Ustra, você diga ao Frota que vou atender a um chamado do presidente e depois telefono.

— O senhor está bem? Não está lhe acontecendo nada? — perguntou o tenente-coronel.

— Nada.⁸

O seguinte foi o diretor do Material Bélico, Arnaldo Calderari, amigo de Frota: “Ele saiu do avião, andou toda a pista e quando estava no portão do aeroporto, em frente ao carro, eu já tinha dito umas dez vezes que havia uma reunião do Alto-Comando. Ele ouvia e não dizia nada. Até que o genro dele, um coronel da reserva, me disse: ‘Ustra, ele vai falar com o presidente’”.⁹

Tibiriçá estava sentado num dos bancos do aeroporto. Tinha *Curió* ao lado. Cada um na sua função, em épocas e lugares diferentes, haviam participado das principais ações, êxitos e crimes da “tigrada”. *Curió* reclamou. Achou que *Tibiriçá* deixava barato para os generais.

“Se você quiser, se revolte e arque com as conseqüências”, respondeu Ustra.¹⁰

A “tigrada” do CIE estocara uns trezentos coquetéis molotov num depósito do quartel-general.¹¹ A manhã de sol do feriado da crise levava para o QG oficiais em uniforme de campanha e de bermudas. Um general, com uma pistola no coldre, disparava telefonemas.

8 Carlos Alberto Brilhante Ustra, setembro de 1988.

9 Idem.

10 Idem.

11 Depoimento do general Enio Pinheiro, em *A volta aos quartéis*, organizado por Maria Celina d’Araujo, Gláucio Ary Dillon Soares e Celso Castro, p. 238.

Quem quisesse se revoltar, que se revoltasse, mas arcaria com as conseqüências. Afora algumas fanfarronadas que Frota não incentivou e muito menos permitiu que prosperassem, ninguém se revoltou.

Ernesto Geisel jogava pôquer desde a juventude. Fazia meio século que todo mundo sabia: ele não blefava. Pagou para ver. A indisciplina militar não tinha cartas.

O ministro demitido divulgou um manifesto denunciando a “complacência criminoso com a infiltração comunista e a propaganda esquerdista” num cenário em que “via ruir, fragorosamente, o edifício revolucionário”.¹² Muito adjetivo para pouca proposição. No Congresso ninguém se animou a comentar a proclamação. Um entendimento entre as lideranças mantivera o Legislativo fora da briga. Pouco depois da hora do almoço, o presidente da OAB, Raymundo Faoro, dormia num quarto de hotel de Olinda e foi acordado por Petrônio Portella: “Cuidado com suas andanças. O trânsito está muito ruim, perigoso”. Faoro estranhou, pois nada vira de anormal, nem sabia do que estava acontecendo em Brasília.¹³ Petrônio, mais uma vez, temia terminar o dia isolado numa embaixada.

Entre a audiência em que foi demitido por Geisel e a cerimônia em que transmitiu o cargo ao general Fernando Bethlem, passaram-se cerca de dez horas. Nelas, Frota esperou que a anarquia desse um golpe disciplinado. Supôs que receberia o apoio dos comandantes de tropa, e isso bastava para que o presidente fosse emparedado ou, se preferisse, deposto. Castello Branco e Costa e Silva haviam sido vítimas desse estratagem. O tempo e o silêncio de Frota deixaram a impressão de que a crise de 1977 não poderia ter outro desfecho. Geisel sempre sustentou que o ministro do Exército jamais tivera a menor chance de escapar do cadeado em que ele o prendeu.

O comportamento de um general — Antonio Bandeira, comandante da 4ª Divisão de Exército, sediada em Minas Gerais — ensina que o dia

12 Nota para a Imprensa, de Sylvio Frota, oito páginas datilografadas, rubricadas e assinadas, de 12 de outubro de 1977. APGCS/HF.

13 Raymundo Faoro, junho de 1999.

12 de outubro teve interrogações que a ordem vitoriosa preferiu deixar para trás. Bandeira, um paraibano de 61 anos, fora um dos comandantes da primeira campanha contra a guerrilha do Araguaia. Assistira à tortura de um combatente.¹⁴ Como diretor da Polícia Federal de maio de 1973 a março de 74, assinara 110 proibições da Censura, uma a cada 72 horas.¹⁵ Explicara o seu critério a Fernando Gasparian, dono do semanário *Opinião*: “Minha ordem é a seguinte, na dúvida: corta”.¹⁶ Ao diretor-geral da TV Globo, mostrara o tamanho de suas suspeitas: “O que eu digo, seu Walter Clark, é que esse Roberto Marinho ainda não me convenceu!”¹⁷

Há duas versões para o comportamento de Bandeira durante a manhã de 12 de outubro.

Numa, dele, teria dito a Frota: “General, isso é golpe. Entre as ordens do comandante supremo das Forças Armadas e as de um ministro já demitido, fico com as do presidente”.¹⁸

Noutra, o secretário-geral do ministério, Enio Pinheiro, conta que falou com o general e ouviu o seguinte: “Diz ao ministro que as tropas daqui estão à disposição para ele fazer o que quiser. Diz que nós o convidamos para assumir o governo em Belo Horizonte”.¹⁹

Geisel conhecia o comportamento dos generais. À noite, quando chegou ao Alvorada, encontrou um pequeno saco de batatas, com um cartão de Heitor Ferreira: “Ao vencedor...”. Completara meio século de participação nas desordens militares. O presidente que recebeu as batatas pela demissão de Frota era o tenente que em 1930 saíra de Santo Ângelo encantado com a revolta que colocou Getúlio Vargas na Presidência da República. Era também o capitão que, em 1935, bombardeara os rebeldes da Escola de Aviação e, dois anos depois, artilhado na mesma posi-

14 Depoimento de José Genoíno Neto, em *Projeto Brasil: nunca mais*, tomo V, vol. 2: *As torturas*, p. 548.

15 *Veja*, 6 de junho de 1990, p. 39.

16 José Antonio Pinheiro Machado, *Opinião x Censura*, p. 86.

17 Walter Clark e Gabriel Priolli, *O campeão de audiência*, p. 257.

18 *O Globo*, 5 de abril de 1998, p. 12.

19 Depoimento do general Enio Pinheiro, em *A volta aos quartéis*, organizado por Maria Celina d'Araújo, Gláucio Ary Dillon Soares e Celso Castro, p. 239.

ção, estivera pronto para canhonear a Escola, caso ela resistisse ao golpe que instituiria o Estado Novo. Passados oito anos, o major Geisel atravessou a cidade com seus blindados e cercou o palácio Guanabara para tirar o ditador Getúlio Vargas da Presidência. Como general, quisera enfrentar as tropas do III Exército que defendiam a posse de João Goulart, mas fez respeitar o compromisso parlamentarista e acompanhou o novo presidente do aeroporto até a granja do Torto. Era um notável da geração de oficiais que deixaram a marca da desordem militar na história do século XX brasileiro. Treze anos depois da noite de abril de 1964, aquela em que o general Arthur da Costa e Silva anunciara que iria “assumir essa coisa toda”, Ernesto Geisel restabelecera a autoridade constitucional do presidente da República sobre as Forças Armadas.